

DIEGO EL KHOURI SOUSA

ZINE: ARTE, RESISTÊNCIA E AÇÕES PEDAGÓGICAS



Diego El Khouri Sousa

ZINE, ARTE, RESISTÊNCIA E AÇÕES PEDAGÓGICAS



Marca de Fantasia

Parahyba, 2022

ZINE, ARTE, RESISTÊNCIA E AÇÕES PEDAGÓGICAS

Diego El Khouri Sousa

Série Quiosque, 66. 2022. 50p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
João Pessoa (Parahyba), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Capa: Diego El Khouri Sousa

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nilton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Vieira - UFPB
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Texto baseado no Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2022 ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás como um dos requisitos à obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais, sob orientação da Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu .

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-79-9

Sumário

Introdução	5
1. Bases estruturantes do fanzine	10
1.1 Uma caneta na mão e uma ideia na cabeça	11
1.2 Autores e autoras que embasam a pesquisa	12
2. Fanzineiros(as) que fazem a diferença: o uso do zine em processos educacionais	15
2.1 Thina Curtis	17
2.2 Henrique Magalhães	21
2.3 Fabio da Silva Barbosa	23
2.4 Márcio Sno	29
2.5 Jô Feitosa	32
2.6 Renato Donisete Pinto	34
3. O zine como instrumento pedagógico	38
3.1 Experiências com os zines em espaços educacionais	38
3.2 Pequeno guia para uma ação pedagógica em espaço não-formal	41
Considerações finais	44
Referências	46

Introdução

As escolhas de determinados temas de pesquisa muitas vezes partem de experiências pessoais. Comigo não foi diferente. O fanzine está presente em minha vida desde os 9 anos de idade. Naquela febre dos desenhos japoneses no ano de 1995 (principalmente através dos *Cavaleiros do Zodíaco*, anime criado por Masami Kurumada) comprei uma revista chamada *Herói* (o editor era o renomado Rogério de Campos) que trazia uma matéria que foi importante na minha trajetória de vida. Foi a primeira vez que tive contato com o termo fanzine.

Nessa edição em especial, havia um texto sobre essa linguagem e trazia como foco a história em quadrinhos britânica chamada *Tank Girl*. Lançada oficialmente no final dos anos de 1980, através da revista *Deadline*, tinha como roteirista Alan Martin e o desenhista Jamie Hewlett (cocriador e responsável pela arte da banda animada *Gorillaz*). Era uma personagem que tinha como espírito a subversão e a “sujeira” punk, regado a bebedeiras, loucuras e transgressões diversas.

O cenário futuro pós-apocalíptico era a teia que envolvia a narrativa de *Tank Girl*. Mas o que me marcou profundamente nesse trabalho era justamente a estética e enredo totalmente na contramão do que o mercado conservador dos quadrinhos tinha como hegemonia. *Tank Girl* fugia do estereótipo voluptuoso das personagens da Marvel e DC, por exemplo.

Seu corpo nada sexualizado, seu moicano, seu posicionamento anarquista, bebedeiras homéricas, seu caso com um canguru mutante, foram imagens que me causaram grande impacto na época e, decerta forma, até hoje causam. Outro detalhe que me chamou a atenção nessa matéria era a informação que dizia que os fanzines, mesmo copiados de forma simples e longe do mercado editorial convencional, circulavam o mundo todo. Foi um momento ímpar na minha existência.

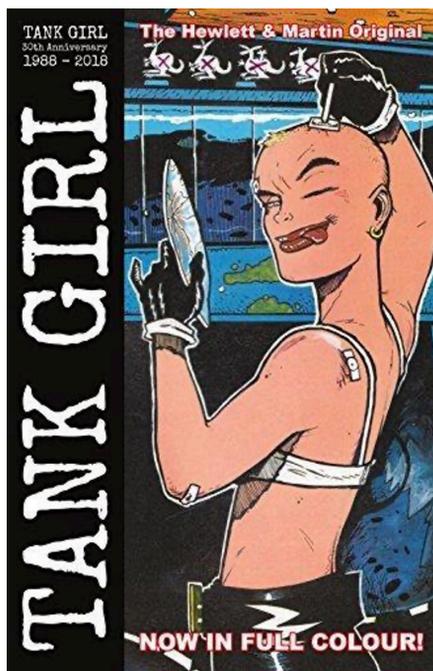


Figura 1. HQ *Tank Girl*, edição n. 1, 1988¹

Sou artista atuante na cidade de Goiânia e, agora, me preparo para fechar o ciclo do curso de Licenciatura em Artes Visuais. No cotidiano dessas duas atividades, pesquisar e produzir arte, fazer e ler fanzines é algo natural e envolvente. Neste momento, enveredar por esse caminho desde a perspectiva educacional faz todo sentido para mim e, também, um grande desafio e aprendizado.

O que mais me motiva trabalhar com a temática dos zines neste TCC é a autonomia de criação, e a pluralidade que essa linguagem proporciona no campo da Educação. Nessa direção, o foco central da investigação foi construir pontes entre o fanzine e os processos de construção de conhecimento, para pensar possibilidades pedagógicas que o fanzine pode oferecer à prática docente.

1. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/wonderful-world-of-tank-girl-the-\(2017\)-n-1/12608/138847](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/wonderful-world-of-tank-girl-the-(2017)-n-1/12608/138847)>. Acesso em 13/10/2021.

Atualmente, educadores e educadoras estão cada vez mais utilizando o zine para trabalhar em sala de aula determinados conteúdos e temáticas. Há um interesse crescente nessa direção, pois é uma forma ímpar de desenvolver a criatividade do estudante. O poder de ação dos zines ajuda a ampliar o horizonte das possibilidades devido à liberdade que essa mídia oferece, podendo ser usado didaticamente em diversas disciplinas. Dessa forma, pesquisar as possibilidades pedagógicas do fanzine significa buscar entender de que forma essas mídias alternativas podem ampliar o conhecimento e a autonomia do indivíduo, tanto a linguagem quanto a forma livre, desenvolvendo no alunado o gosto pela ação e autonomia, em que a criatividade é um dos alicerces motivadores da construção de conhecimento.

Como já foi mencionado, o zine é um exercício de autonomia e criação, “desde a concepção da ideia até a coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação, divulgação e distribuição” (MAGALHÃES, 1993, p. 10). O fanzine/zine tem essa tradição histórica da liberdade técnica, de estética independente e de acesso fácil aos materiais.

Essas características tornam este material um recurso pedagógico interessante e, nessa direção, me interessa buscar respostas para a pergunta: de que forma o zine pode contribuir para a construção do pensamento crítico e para a ampliação do conhecimento nos processos de ensino e de aprendizagem, por meio de atividades para serem desenvolvidas em espaços não-formais de educação?

Para encontrar possíveis direcionamentos a este questionamento, são usados neste TCC autoras e autores brasileiros conhecidos no universo do zine para embasar as reflexões. Portanto, será a partir de suas publicações e entrevistas realizadas que estabeleço os caminhos para pensar as potencialidades dos zines em ações pedagógicas, tendo como público-alvo principal, a população carcerária ou ambientes educacionais voltados a jovens infratores, sujeitos às medidas socioeducativas.

O fanzine é uma mídia livre das “amarras do mercado” e é essa premissa que dá origem a seu poder de autonomia. Nessa direção, este trabalho teve como objetivo principal analisar a potencialidade didática do zine em processos educativos, especialmente para os ambientes educacionais de sujeitos que estão em instituições prisionais ou jovens infratores que se encontram internados em unidades socioeducativas.

Os objetivos específicos consistiram nas seguintes ações:

- Analisar publicações autorais e científicas que podem ajudar a pensar a relação entre educação e zines.
- Coletar entrevistas já realizadas por mim e outras pessoas, com autores e autoras identificadas na etapa anterior.
- Elaborar um roteiro para o desenvolvimento de um plano pedagógico, voltado para o público mencionado, utilizando o zine como ponte para a construção de sentidos e conhecimentos.
- Incentivar o professorado e agentes culturais na construção de práticas pedagógicas que utilizam a linguagem do zine como recurso pedagógico.

A pesquisa bibliográfica foi a abordagem metodológica usada para a realização da pesquisa, pois é uma perspectiva que permite uma aproximação ao universo dos zines e embasam as reflexões neste projeto. A perspectiva autobiográfica também foi usada, dada a influência dos zines em minha vida e em minhas práticas artísticas.

Como futuro professor, os interesses por esta temática foram ampliados e me interessou aprofundar nas possibilidades do zine em espaços não-formais de ensino. Nos processos metodológicos, também foi usado como instrumento de coleta de dados a realização de entrevistas abertas, com autores e autoras que já possuem uma trajetória consolidada no universo dos zines.

Para desenvolver a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, os processos metodológicos foram pensados em três fases:

- 1) Análise dos materiais selecionados no levantamento bibliográfico;
- 2) Seleção de algumas entrevistas de meu acervo particular², cujos conteúdos foram revisitados e analisados desde a chave da pergunta orientadora deste projeto;
- 3) Elaboração de um plano pedagógico voltado à produção de zines que será construído a partir da análise das contribuições e narrativas de autoras e autores nas entrevistas comentadas no item anterior.

Lamentavelmente, não houve tempo suficiente para desenvolver um plano de ensino elaborado e, o que apresento ao final deste trabalho, trata-se apenas de um roteiro básico, mas, talvez, possam facilitar o acompanhamento da construção de conhecimento. O semestre atípico em decorrência da pandemia de coronavírus afetou a vida acadêmica de forma ampla. Eu, por exemplo, fui infectado duas vezes pelo vírus, mesmo tendo tomado as vacinas que, possivelmente, salvaram minha vida. Houve perdas de amigos e familiares e, sem pieguismos, os processos de desenvolvimento deste TCC não foram fáceis.

Apesar disso, tenho convicção que por meio de um plano bem elaborado, que considere o espaço, o contexto e que esteja aberto às mudanças, é possível chegar aos objetivos que foram traçados.

2. Ao longo de minha trajetória, realizei várias entrevistas com pessoas importantes do universo do zine. Thina Curtis, por exemplo, já conversou comigo sobre suas experiências como educadora social na Febem e no presídio feminino além da Fanzinada (evento que surgiu em 2011 e vem sendo realizado anualmente desde então, em vários lugares do país, e vem ajudando fortemente na divulgação dos fanzines). Márcio Sno também foi entrevistado sobre seu projeto “Zines no Cárcere”, além de sua pesquisa na produção cultural dos zines. Outras entrevistas foram realizadas com Alberto de Sousa, idealizador da Fanzinoteca Macaé, projeto de extensão do Instituto Federal Macaé; Paulo de Carvalho, idealizador da editora independente Armazém de Quinquilharias e Utopias, é um sujeito que constantemente divulga a cultura independente, além de promover oficinas de escrita. Clécia Oliveira, escritora e presença constante na Fio Cultural Produções, com projetos ligados a Universidade Federal do Rio de Janeiro. E, Renato Donizete, autor do livro “Fanzines na Educação – Algumas experiências em sala de aula”.

I

Bases estruturantes do fanzine

O termo fanzine surgiu na década de 1940 e trata-se da redução fônica da expressão *fanatic magazine*. Neste início, o termo era usado para se referenciar às publicações independentes concentradas na visão de fãs sobre temas específicos: bandas, cinema, poesia, quadrinhos etc.

No Brasil, os primeiros fanzines foram voltados para o universo da ficção científica. Inclusive, um dos primeiros fanzines pertencia a um clube que se chamava *Boletim de Intercâmbio de Ciência-Ficção Alex Raymond*, que circulou na década de 1960, na cidade de Piracicaba (SP) por Edson Rontani. A principal característica desse tipo de mídia era realizar intercâmbios entre pessoas que se interessavam por determinadas temáticas, o que propiciou o surgimento de vários folhetins alternativos à mídia convencional desde então.

No entanto, as bases estruturantes dos fanzines começaram bem antes desse período, precisamente no ano de 1929. Nessa época, era chamado de boletim e respondia aos anseios daqueles que não se encaixavam no mercado editorial hegemônico e tradicional. O termo fanzine surge em 1940 pelo escritor de ficção científica Russ Chauvenet.

Nesta pesquisa, nos interessa, sobretudo, a fase seguinte, ou seja, caracterizado pelo “boom” de produções alternativas, cujo auge se deu na década de 1980, quando essa linguagem deixa de ser a visão de um mero fã para se tornar produção criativa e autoral de cultura. Já na década de 1990, segundo Márcio Sno, foi um período paradoxo para o universo dos zines, “pois em sua primeira metade foi quando mais se produziu e na segunda, com a popularização dos computadores pessoais e a chegada da internet, foi quando os zines quase foram extintos” (SNO, blog)³.

3. Fonte: <<http://www.marciosno.blogspot.com/>>

Depois desse primeiro impacto da popularização das ferramentas digitais, o zine voltou forte. As novas gerações passaram a usar as possibilidades técnicas e a diversidade de linguagens possíveis utilizando as tecnologias ou técnicas híbridas, produções que continuam a manter a principal característica dos zines: buscar a emancipação da produção artística. Hoje, encontramos zines diversos em todo o Brasil: trabalhos em forma de bula de remédio, origamis, folha dobrada no meio, mídias digitais etc. Autores trocam zines via correio (algo que estava “mori-bundo” há algum tempo), lendo por meio de papéis, computadores, tablets ou celulares. Ou seja, a produção e a circulação dos zines do século 21 se mantêm fortes e agora de forma ampliada.

Na obra *The world of fanzines*, publicada em 1973, o psiquiatra, pesquisador e escritor alemão Fredric Wertham (1895-1981) resume esse tipo de mídia como “revistas não comerciais, não profissionais, de pequena circulação que seus editores produzem, publicam e distribuem”. A acessibilidade dessa potência libertadora é o que torna os zines um material interessante para ser trabalhado em espaços educacionais (formais e não-formais).

Esse tipo de mídia, considerada no seu início como algo marginal – no sentido de estar fora do carimbo do prestígio e dos trilhos da aceitação –, está cada vez mais adentrando os espaços educacionais, sendo usado como recursos pedagógicos para a construção de conhecimento.

1.1 Uma caneta na mão e uma ideia na cabeça

A liberdade criativa dos zines permite que, com uma simples caneta e uma mera folha de papel, possa se produzir um zine. A ideia é exercitar a criatividade, na direção inspirada do cineasta Glauber Rocha: uma caneta na mão e uma ideia na cabeça (já que ele dizia “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”). Essa potência libertadora e acessível é o que torna os zines um material interessante para ser trabalhado em espaços educacionais (formais e não-formais).

A criatividade é um dos alicerces motivadores da construção de conhecimento. Conecta as ideias ao novo, as reflexões que promovem a emancipação: a autonomia do pensamento — romper os grilhões limitadores do senso comum. Qual a diferença, portanto, entre fanzine e zine? Quais as singularidades que implicam essas diferenças? Fanzine é publicação de fãs sobre algum tema, já zine tem uma ligação mais profunda com a produção autoral. Ambas são publicadas de forma independente e distribuída através de xerox de mão e mão ou/e via correio.

1.2 Autores e autoras que embasam a pesquisa

Atualmente, existem vários artigos acadêmicos que trabalham a temática de zines e suas relações com a educação. As abordagens se dão por meio de várias disciplinas e, muitas vezes, as propostas são desenvolvidas desde uma perspectiva interdisciplinar.

Nesse contexto, os zines se apresentam na cena e mesmo sem incentivo continuam resistentes e contínuos em suas publicações. Selecionei algumas obras que serão analisadas no desenvolvimento deste TCC, como o *Spell Work* (que no ano de 2018 virou revista alternativa, dessa forma, pretendo fazer um resgate das publicações (antigas e atuais), elaborado por Thina Curtis, escritora, roteirista e arte educadora, premiada em 2017 com o Troféu Angelo Agostini, com o seu clássico *Café Ilustrado*). Thina Curtis, zineira do ABC paulista, desenvolveu diversas oficinas na FEBEM, em São Paulo, e também no presídio feminino. Me interessam esses ambientes educacionais do ensino não-formal, assim, por meio de entrevista com a autora, pretendo aprofundar nas suas ações pedagógicas desenvolvidas nesses espaços.

Henrique Magalhães⁴, professor da Universidade Federal da Paraíba, também é uma referência importante, pois é um pioneiro no ter-

4. Em 1995, Magalhães criou a editora Marca da Fantasia, que logo se tornou uma referência importante dentro do cenário da cultura independente nacional.

ritório nacional. A obra *O que é fanzine*, datada de 1993, é uma publicação essencial para todos aqueles que se interessarem em pesquisar o assunto. Outros livros do autor fundamentais para a pesquisa são: *O rebuliço apaixonante dos fanzines* (2003), *A nova onda dos fanzines* (2004) e *A mutação radical dos fanzines* (2005).

Fabio da Silva Barbosa, editor do zine clássico *Reboco Caído*⁵, e um dos idealizadores da Editora Merda na Mão⁶, da qual sou cofundador. A intenção da Editora foi criar um espaço para as publicações “impulicáveis”. Fábio também é um dos autores que serão referenciados na pesquisa, especialmente as oficinas que desenvolveu em espaços formais e não formais.

Márcio Sno, autor da trilogia intitulada *Fanzineiros do século passado* e *Zines no Cárcere* são trabalhos cujas experiências são fundamentais para entender essa linguagem alternativa e a relação dos zines com a educação. *Zines no Cárcere*, publicado em 2020, é uma publicação com 86 páginas, uma coletânea com histórias de Thina Curtis, João Francisco Aguiar (o professor Jofra) e Jô Feitosa, que narram os desafios de ministrar oficinas em diversos presídios do país. *Só Babado*, zine organizado pela educadora Jô Feitosa e produzido mensalmente por pessoas LGBTQI+ no sistema prisional do Ceará, também é uma referência importante. Este trabalho conseguiu transformar a realidade de mulheres trans e travestis nas prisões do Estado.

A Fanzinoteca Macaé, que fica no Instituto Federal Fluminense, é um espaço fundamental que alia produção criativa, cuidado com o acervo de fanzines e processo educacional. Estou em contato com a Instituição para acessar mais materiais que possam enriquecer as reflexões sobre este projeto.

5. Esta publicação ganhou o prêmio Zine do Ano, no primeiro Gibifest, em Alvorada/RS, em 2016.

6. Canal no Youtube da Editora Merda na Mão: <https://www.youtube.com/channel/UCuvIS7xNw31Y-MsSMPw5izA>

A contribuição do professor Renato Donisete⁷ também foi essencial para pensar este projeto. A obra *Fanzines na Educação: algumas experiências em sala de aula*, escrito por Donisete é uma referência bibliográfica importante que ajudará a pensar o papel dos zines em ações pedagógicas. Segundo o autor, o zine “quebra esse preconceito e os paradigmas cristalizados pelos professores de escolas públicas, juntando duas paixões do autor: a docência e os zines” (2013, p. 10).

Donisete é professor de Educação Física e iniciou esse trabalho com as turmas do Ciclo II na EMEF Presidente Campos Salles, em 2008, quando a proposta pedagógica inovadora baseada na Escola Ponte (Portugal) passou a ser aplicada em uma escola pública localizada no bairro de Heliópolis (a maior favela de São Paulo). O projeto foi desenvolvido até 2013, quando foi transferido para outra unidade. Com os Cadernos de Estudos de Educação Física, Donisete desenvolveu diversas propostas que envolviam a área de esportes, cuidados com o corpo e condicionamento físico e tinham como objetivo a interdisciplinaridade com outras matérias, como História e Geografia.

Além de referências diretas com o universo dos zines, este projeto também buscou estabelecer diálogos com os estudos da cultura visual, visando estabelecer pontes que ajudem a criar as relações entre educação e zines.

7. Donisete também escreveu a obra *Aviso Final* - um dos zines mais antigos em circulação (mais de duas décadas na cena).

2

Fanzineiros(as) que fazem a diferença: o uso do zine em processos educacionais

O fanzinato se constrói através do espírito de coletividade, aquilo que no jargão popular costuma-se dizer “nois por nois”. Esteve (e está) presente na resistência contra movimentos autoritários em todos os países por onde passou. De certa forma, essa linguagem insufla pensamentos de subversão e reflexão crítica. Pensando sob a perspectiva da docência, conhecendo a carência que os espaços têm de materiais, o fanzine se torna um objeto pedagógico interessante.

As pesquisas que aliam a cultura zinística com formulações de práticas educacionais, são tendências que estão crescendo dia a dia. As experiências crescentes de diversos professores e professoras com essa linguagem, nos mostram que em qualquer disciplina é possível dialogar com esse “objeto pedagógico”, tão presente na dita “cultura do subterrâneo”.

O professor de Educação Física Renato Donisete (2013, p. 18-19), no seu livro *Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula*, diz que o fanzine contribuiu para a aproximação do(a) estudante com a produção escrita, além de colaborar com as formas de expressão nos círculos sociais. Especificamente na Língua Portuguesa, o fanzine demonstra o caráter abrangente, crítico e prático da língua e, nesta direção, pode ser um valioso exercício de leitura e escrita, além de incentivar a imaginação e possibilitar o/a jovem estudante a se tornar autores (as) de suas obras e de se fazer ouvir.

As pessoas que são apresentadas nesta pesquisa, produtoras de zine, agentes culturais e atuantes em projetos de arte-educação, apontam potencialidades e dificuldades de trabalhar com a linguagem dos zines e os desafios que se intensificam em locais onde a liberdade é

cerceada, como os espaços carcerários, os quais vários educadores(as) sociais transitaram e, algumas delas, são mencionadas neste trabalho.

Jô Feitosa, por exemplo, mencionou a dificuldade que teve de executar um projeto em parceria com o DEPEN (Departamento Penitenciário, localizado em Brasília, que promovia cursos para agentes prisionais com palestras sobre homofobia, direitos da população LGBTQIA+), cuja proposta gerou um abaixo-assinado para retirá-la da CPPL III (Casa de Privação Provisória de Liberdade). O manifesto foi impetrado pelas mulheres dos internos heterossexuais, alegando que ela incentivava o relacionamento dos seus maridos com as mulheres trans e que Jô Feitosa estava destruindo famílias, recebendo ameaças de internos e de seus familiares. Nesta ocasião, a agente social e fanzineira relatou que explodiu uma rebelião e a prisão inteira se revoltou contra a ala dos crimes sexuais, dos crentes ou irmãos evangélicos. Duas pessoas da ala foram mortas. Muitas ficaram encurraladas entre o fogo e as paredes e agentes penitenciários derrubaram as paredes para salvá-las.

A autora declara que o resultado final deste processo foi que as mulheres trans conquistaram um espaço exclusivo para elas. Deste episódio foi produzido um fanzine que conta a história da rebelião e serviu para fundamentar a necessidade de um espaço digno. Hoje, na unidade Penitenciário Irmã Imelda Lima Pontes, estão abrigados idosos, LGBTs, cadeirantes, deficientes e o pessoal enquadrados na Lei Maria da Penha (SNO, Márcio; CURTIS, Thina; AGUIAR, João Francisco; FEITOSA, Jô, 2020, p. 45).

Infelizmente, neste país onde a educação é sabotada todos os dias, com ausências de incentivos e investimentos do poder público, gerando carência brutal de materiais e a degradação da infraestrutura básica, entre outras questões que atravancam qualquer avanço ou melhoria no sistema educacional brasileiro, os espaços não legitimados sofrem ainda mais com este descaso. Nesse sentido, ouvir (ou ler) o que os educadores e educadoras sociais relatam sobre suas experiências em locais atípicos ou pouco procurados para o desenvolvimento de proje-

tos artísticos ou sociais, é fundamental para entender a complexidade e as potencialidades da linguagem do zine, identificar os possíveis obstáculos e as ferramentas recomendadas para a condução de processos de troca e aprendizagem efetivas.

A partir dos subcapítulos seguintes, trago referências importantes que já transitaram por estes espaços. São autoras e autores que acompanho as trajetórias e, algumas, tive a oportunidade de entrevistar. Dado ao tempo reduzido para a produção deste Trabalho Final de Curso, optei por trazer pequenos fragmentos biográficos destes sujeitos, os quais podemos abstrair e construir conhecimento sobre o universo dos zines.

2.1 Thina Curtis

Thina Curtis é zineira, escritora, editora, produtora cultural e educadora social. Sua produção artística começou nos anos de 1990 e foi através dos zines que ela rompeu os muros do ABC Paulista (seu local de vivência) e passou a ser conhecida nacionalmente. Sua produção, segundo ela, tem o propósito de fortalecer a cultura que provém do “submundo”.

Seu zine mais conhecido é o *Spell Work*, folhetim que reúne poemas, textos e entrevistas associadas à “comunidade alternativa” fanzineira. Para celebrar o zine, em 2011, Thina criou o Fanzinada. Este evento se tornou uma referência nacional e tem como proposta promover encontros de ilustradores(as), escritores(as) e quadrinistas que expõem seus zines, bem como, realizar palestras, debates, feiras culturais, além de resgatar a memória dos fanzines e de seus autores e autoras.

A data exata do primeiro Fanzinada foi no dia 29 de abril de 2011 e, sobre esse evento, Thina Curtis disse ao blog *Molho Livre*, no dia 21 de junho de 2011, o seguinte:

Foi realmente comovente para mim! Há tempos venho tentando reunir o pessoal, mais a incompatibilidade de datas, locais e

outras coisas sempre adiava este encontro. Sempre senti a necessidade de reunir não só os fanzineiros(as), mas artistas no geral que estão por aí fazendo seus trabalhos e não tem muito espaço para divulgarem também, e quando começamos a nos mobilizar e vi que estava começando a dar certo, senti um frio na barriga! Era um sonho muito antigo, devo agradecer muito aos meus amigos e parceiros que abraçaram a ideia, a Olga e o pessoal do Gambalua por apoiarem. O evento reuniu muita gente fera, todo mundo junto somando e multiplicando. Foi a prova que quando se quer algo é possível. Reunindo poetas, grafiteiros, cineastas, atores, desenhistas, cartunistas entre outros artistas e, claro, muito fanzineiros(as). O evento rendeu e fortaleceu novas e fortes amizades, e também novos projetos e convites para participar com a Fanzinada em vários locais do Brasil e também fora. E claro comemorar essa data pela primeira vez por aqui foi histórico! (CURTIS, 2011).



Figura 2. Thina Curtis. Imagem capturada do blog *Molho Livre*⁸, em 15 de fevereiro de 2022

8. Fonte: <<http://molholivre.blogspot.com/2017/12/thina-curtis-senhorita-zine.html>>

Thina Curtis ministrou diversas oficinas de poesia, quadrinhos, fanzines e práticas de leitura, entre elas, destacam-se sua participação no Seminário de Educação da Rede Municipal de Educação de Bauru, para professores de arte de São Caetano do Sul/SP e formação para bibliotecários da Rota Romântica em Picada Café/RS. Em 2017, ao lado da ilustradora Fabi Menassi, conquistou o 33º Troféu Angelo Agostini, na categoria “Melhor fanzine de quadrinhos”, com o *Café Ilustrado*.

Thina também promoveu oficinas de fanzine na Febem e em presídio feminino em São Paulo. Sobre essa experiência disse ao “Molho Livre”, no dia 20 de dezembro de 2017:

Uma experiência bem marcante e de transformação na minha vida. O preconceito das pessoas em relação a mim por estar nesse tipo de instituição também fica associado a uma pessoa marginalizada e literalmente subversiva, ou seja, que tipo de professora e mulher é essa que vai dar aulas para bandidos. Trabalhei com meninos e meninas, mulheres. porém, ter trabalhado com jovens grávidas e com bebês foi algo que mudou e tocou algo dentro de mim. Só tendo esse tipo de experiência você nota o quanto nossa sociedade é injusta, preconceituosa, machista, racista e homofóbica. Através dos Fanzines essas crianças-mães tiveram seu primeiro contato de afeto, direitos, cidadania, empoderamento. Por meio de simples recortes e diálogos entenderam um pouco mais sobreviver a vida, e que existe possibilidades fora do crime e drogas. Com uma linguagem de fácil entendimento que não intimida o autor eles tiveram também o primeiro contato com arte, cultura e principalmente aprenderam a gostar de ler. Viram-se pela primeira vez capazes de pensar, se sentiram gente (CURTIS, 2017).

Um de seus trabalhos no campo da educação social está registrado no livro *Zines no cárcere* e lançado pela editora Marca de Fantasia e o selo Marcio Sno Produções, no ano de 2020. Essa obra reúne relatos de alguns educadores sociais que trabalharam com zine em presídios do país: Márcio Sno, João Francisco Aguiar, Thina Curtis e Jô Feitosa.

Thina (2020), neste livro, conta que foi convidada para ministrar oficinas de fanzine em um projeto de arte-educação, mas não sabia bem do que se tratava. Para ela, o zine era só um hobby e acrescenta:

os fanzines são assim: eles vão circulando, chegam em locais que nunca podemos imaginar. Chegou até mim. Me ligaram, agendei a entrevista e fui. Atravessei a cidade do ABC ao Centro de São Paulo, que é uma caminhadinha. Fui super bem recebida pelo Rodrigo Medeiros, o então coordenador do Projeto Arte na Casa. Pra minha grande surpresa, chegando na sala da entrevista, estava ali na mesa um fanzine que edito, o *Spell Work*, e ele foi justamente o que posso dizer de meu “currículo de apresentação” por seu formato variado. Fui a primeira entrevistada e primeira educadora contratada para o projeto (SNO; CURTIS; AGUIAR; FEITOSA, 2020, p. 8).

A educadora social também relata os desafios e obstáculos de trabalhar com a linguagem dos zines em um ambiente de tão forte repressão. Aqui é interessante destacar que o educador(a) tem que estar ciente de que os obstáculos são imensos. Reconhecer isso já é um caminho andado, pois, a romantização da educação em ambientes carcerários, pode ser um grande calcanhar de Aquiles. Além disso, Thina mencionou que trabalhar com fanzine nesses espaços era novidade e houve muita dificuldade para ser implantado nas unidades que não queriam saber “dessa história de jornal”: “Imagina ‘dar voz e expressão para bandido?’, foi o que eu ouvi por um bom tempo.” (SNO *et al.*, 2020, p. 12).

Esses depoimentos trazem reflexões importantes sobre os obstáculos enfrentados nos projetos de arte/educação em espaços de exclusão social:

A maioria dos funcionários não entendia as necessidades artísticas e pedagógicas. Em alguns momentos o problema era estrutural: já dei oficina no pátio com outros jovens assistindo TV – porque não havia sala – e também em corredores, até o chão pois, além de não ter sala, faltavam mesas e cadeiras. Em uma unidade o material da oficina foi furtado. Funcionários de segurança queriam se intrometer nas aulas. Às vezes, os do pedagógico não

gostava das propostas, mesmo sendo apresentadas e aprovadas antes pela coordenação. Houve funcionário que não gostava da oficina porque os jovens se identificavam e diziam que bilhetes saíam da oficina, sendo que os jovens passavam por revista antes e depois de sair da aula. Em todas as situações eu tentei resolver dialogando com os jovens, toda a equipe de segurança e pedagógica e, algumas vezes, com a coordenação da ONG para a qual eu prestava serviços. Volta e meia tinha problema porque os funcionários não gostavam das charges, de alguns textos por serem críticos demais. Não gostavam quando cantavam porque muitos internos eram compositores e, na verdade, tudo que os meninos gostavam, e se identificavam era motivo pra ser usado como moeda de troca, usar como castigo de não ir caso acontecesse algo, de cancelar a aula caso houvesse alguma situação. Entre tantas coisas, a gente aprende que nesse lugar se “pisa em ovos e se “senta em vidraças” (SNO *et al.*, 2020, p. 15-16).

Thina Curtis tornou-se patrona da Fanzinoteca Municipal de Baureri, São Paulo, dentro da Gibiteka Prof. Max Zendrom, em abril de 2019. Recentemente, recebeu a homenagem do Instituto Federal Fluminense (Macaé/RJ) com o “Acervo Feminista Thina Curtis”. Para a “Dona Fanzine”, como é conhecida no meio fanzineiro, “arte é paixão, necessidade, conhecimento, liberdade, válvula de sobrevivência” (CURTIS, 2011).

2.2 Henrique Magalhães

Nasceu em João Pessoa, Paraíba, em agosto de 1957. Apaixonado por quadrinhos desde criança, seu início oficial no universo artístico foi a partir de 1975, quando publicou tiras diárias de quadrinhos nos jornais paraibanos e editou publicações alternativas.

Com o personagem *Maria*, Henrique Magalhães publicou dez revistas até 1983 e, a partir deste ano, após a graduação em Comunicação Social na Universidade Federal da Paraíba, o artista passa a se

dedicar profundamente ao universo dos fanzines. Na pós-graduação, Magalhães desenvolveu a sua dissertação de mestrado intitulada “Os fanzines de história em quadrinhos: o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros”. Em 1996, apresentou a tese de doutorado “Fanzines de Bande Dessinée: rénovation culturelle et presse alternative”, na Université Paris VII.

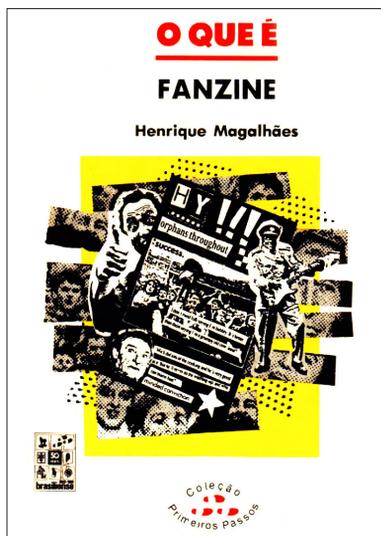


Figura 3. Imagem da capa do livro *O que é fanzine*, de Henrique Magalhães.

Figura 4. Henrique Magalhães⁹

Em 1993, publicou a obra *O que é Fanzine* (Figura 3), primeiro registro de pesquisa acadêmica sobre fanzines. Este material tornou-se um clássico e traz um importante e interessante painel sobre a história dos fanzines no Brasil, suas primeiras publicações, temáticas etc. Na apresentação desse livro, o autor diz:

9. Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/nasparadas/nasparadas2016-2020/nasparadas2016/beja-bd/beja-bd.html>

Um dos problemas encontrados na elaboração deste texto foi a falta de bibliografia específica. Não havia até o momento no Brasil nenhuma definição para o termo fanzine, muito embora ele venha sendo usado correntemente a partir dos anos 70. Foi preciso recorrer aos conceitos emitidos pelos editores e leitores dessas publicações que, apesar das divergências e falta de sistematização, são os que melhor podem definir o que estão fazendo. Este trabalho tem, portanto, os próprios fanzines como fonte bibliográfica (MAGALHÃES, 1993, p. 7).

2.3 Fabio da Silva Barbosa

Nascido em 24 de julho de 1975, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, Fabio entrou para o mundo dos fanzines no final de 1989 e, desde então, participou ativamente da cena punk dos anos de 1990. Em entrevista conduzida por Law Tissot (ilustrador, professor de artes visuais e ide-



Figura 5. Fabio da Silva Barbosa¹⁰, um dos autores do fanzine *O Berro*

10. Fonte: <https://livroseideias.wordpress.com/>

alizador da Fanzinoteca Mutação, no ano de 1984) ao blog *Expressão Liberta*¹¹, Fabio comenta sobre esse início no universo dos fanzines:

Comecei a tomar conhecimento dos fanzines entre 89 e 90 e a participar entre 90 e 91, quando conheci Winter Bastos. Na época, ele tinha o fanzine Terceiro Mundo e convidou a mim e a outros amigos para participar da ideia. Daí por diante foi só questão de ir fazendo cada vez mais contatos e amadurecendo mais meu trampo. Amadurecendo no bom sentido. Não gosto muito desse termo. Maturidade é uma palavra que muitas vezes é utilizada com arrogância.  s vezes   até utilizada para justificar o comodismo. Maturidade, para mim, tem a ver com aprendizado (TISSOT, 2011).

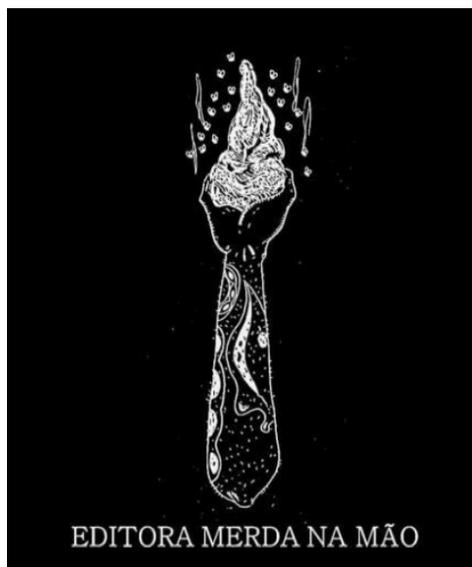


Figura 6. Logotipo da Editora Merda na Mão. A editora j  publicou nomes importantes do cenário de quadrinhos e fanzines, como: Glauco Mattoso, Ciberpaj , Danihell Slaughter e Agne Nyhyhwh

11. Fonte: <http://expressaoliberta.blogspot.com/2011/04/entrevista-de-law-tissot-com-fabio-da.html?q=Law+Tissot>, acesso em 18 de fevereiro de 2022.

Entre suas realizações mais conhecidas está o zine *O Berro*”, produzido em parceria com Winter Bastos e Alexandre Mendes. Este último, falecido em 17 de abril de 2017, em São Gonçalo, teve sua obra reunida e publicada postumamente no ano de 2020, pela Editora Merda na Mão, criado por Fabio da Silva Barbosa e por mim, Diego El Khouri, em 12 de abril de 2020, com a proposta de publicar os impublicáveis.

O zine *O Berro* rendeu um livro intitulado *Um ano de Berro – 365 dias de fúria*, publicado pela Editora Independente, de Brasília. Este trabalho reuniu as 12 primeiras edições do zine.

Com Alexandre Mendes, Fabio criou a dupla de *noise* experimental *Soco No Olho*, o *Impresso das Comunidades* e o zine *Gambiarra*. Formado em jornalismo esse inquieto bardo vem entrevistando ao longo do tempo diversos artistas. Um fragmento desse trabalho é possível encontrar nessas duas obras disponíveis em PDFs e que foram lançados de forma gratuita na internet: *A Saga do Jornalismo Livre e Quem somos nós?* (esta, dividida em 3 partes). Estes PDF se encontram acessíveis na *Cadaveric Noise Bibliothec*¹², espaço no site da *Murder Records*, gravadora de som extremo da Holanda e parceira da Editora Merda na Mão, que reúne livros e quadrinhos disponibilizados gratuitamente para download.

O primeiro lançamento da Editora Merda na Mão foi, inclusive, uma entrevista conduzida pelo Fabio com o idealizador da Murder Records, Danihell Slaughter, figura importante do *Noise* europeu. Obra em formato zine intitulada RANCOROSOMANIFESTO REGADO COM OS VENENOS DE UM GRINDER FILHO DA PUTA CHEIO DE PURO ÓDIO RANÇOSO DEVIDAMENTE VOMITADO, MIJADO E CAGADO PARA CIMA DE VOCÊS TODOS... (o título gravado com letras maiúsculas traz a ideia de grito, berro).

12. Website: <<http://www.murder-records.com/445547471>>

Atuou em parceria com o ativista¹³ Eduardo Marinho em experiências como o fanzine *Pençá* (que ainda Eduardo distribui em suas palestras pelo país) e a iniciativa *Vídeo-Garagem*, um projeto que existiu durante o período em que eram vizinhos em Niterói. No ano de 2010, cria o zine *Reboco Caído* (ainda em atividade e com mais de 60 edições lançadas), um painel importante da produção contemporânea independente. Neste zine, Fabio da Silva Barbosa continua seu trabalho de catalogação da produção cultural por meio de entrevistas. No *Reboco* n. 1, eu, Diego El Khouri, fui o primeiro entrevistado.



Figura 7. Logomarca do zine *Reboco Caído*

13. Termo que designa quem procura fazer de sua arte um instrumento de contribuição social.

Fabio também esteve desde o início da formação *Coletivo Zine* (zine formado por várias personas da cultura independente e já conta com três edições. Suas produções podem ser acompanhadas pelo blog do *Coletivo Zine*¹⁴).

Hoje, Fabio atua na cidade de Porto Alegre (RS) e sua saga artística/visceral não cessa. Organizou o evento Tarde Multicultural – Sem Fronteiras, que teve 5 edições. Foi Assessor de Imprensa da AMARLE (Associação de Moradores e Amigos da Rua Laurindo e Entorno). Publicou obras como *Escritos Malditos de uma realidade insana; Caído – Reflexos e reflexões, palavras marginais* (tive a honra de fazer a capa desse livro); *Linhas Indigestas, Futuro Cemitério* e, mais recentemente pela Editora Merda na Mão, *Fábrica de cadáveres – do forno ao moedor*. A poesia continua forte em seu trabalho cultural. Sobre essa questão, Fabio disse em entrevista conduzida por mim ao blog *Molho Livre*¹⁵, no dia 16 de agosto de 2016:

A poesia é necessária nessa sociedade. É necessária como resistência, como algo a margem, mas que dá voz. A sociedade não dá espaço a nenhuma forma de expressão que não se enquadre em seu esquema alienante, na coisa da podre geração zoeira. Para essa sociedade, com certeza, ela não é importante, o que é até bom. A poesia não tem de fazer parte dessa imundície mesmo. O papel dela é outro. Lógico que temos os burgueses excêntricos, que gostam de coisas diferentes, e com isso acabam incluindo a poesia entre o repertório, ou então aquele que gosta de se dizer culto e intelectual e vê as formas de expressão como algo elitizante, A ARTE. Quem sabe qual é, logo vai separando o que tem conteúdo do que é puro lixo. A poesia é uma importante ferramenta. Uma entre muitas. Tudo depende de quem vai usá-la (BARBOSA, 2016).

14. Blog: <http://coletivozine.blogspot.com/>. Canal na plataforma Youtube: https://www.youtube.com/channel/UC1gKzWck2vPzdW8_YF4AxLA

15. Fonte: <http://molholivre.blogspot.com/2016/08/mais-uma-troca-de-ideias-com-fabio-da.html>

Sempre inquieto, Fabio atua em várias frentes, como no *Coletive Arts*, ajuntamento de artistas que divulgam seus trabalhos em eventos e através do blog do *Coletive*¹⁶. Foi convidado pelo Victor Durão a participar do programa de rádio *Hora Macabra*, onde ficou certo tempo fazendo parte da equipe. Ao lado da Flavia Yka, é o idealizador do programa de rádio *Aleluia nunca mais – A trilha sonora do fim do mundo*. Uma parceria entre Editora Merda na Mão, Home Estúdio Popular e Rádio Rota 220. Ele organiza a playlist do programa e a apresentação fica a cabo do poeta e artista visual Rafael Vaz.

Dentro da editora, Fabio retoma uma ideia antiga que ele tinha com o poeta e músico Murilo Pereira Dias que era criar uma banda de *Noise* chamada *War Brain*. Eu, Diego, adiro ao projeto e, juntos, passamos a produzir a dita “anti música”, com participações musicais importantes. *War Brain* vai gerar um álbum (que está em processo de criação), a partir do braço sonoro da editora, esse “monstro com vários tentáculos”, e o braço sonoro é um deles. Bandas como a de metal extremo *Enemy Cross* ou o rapper Marcos Favela, são alguns dos nomes que vão lançar seus álbuns musicais na EMNM.

Nesse mergulho musical juntou alguns músicos, passaram a produzir um som chamado *Ato Subversivo*. No vocal os rappers Marcos Favela, Didi, Ktarse (grupo composto por Leal Ktarse, Rodrigo Ktarse e DJ Mamona), Bruno Borges na guitarra e Washington Marchon no baixo (integrante das bandas *Enemy Cross* e *Embalsamado*).

Fabio também participou de alguns clipes de rap, por exemplo, do Preto X, nas canções *Final dos tempos*, *Na cara do sistema* e *Vale das sombras*. Sua presença influenciou este trabalho a partir de trocas de ideias que faziam nos momentos das criações. No final do clipe do Xamã e Estudante, na canção *Te trouxe rap mãe*¹⁷, aparece o livro *Reboco Caído – Reflexos e reflexões*, lançado pelo selo Coisa Edições. Já

16. Website do *Coletive Arts*: <https://coletivearts.blogspot.com>

17. Fonte: <https://youtu.be/mA6yAKgpE1M>

a banda de hardcore *Vida Torta*, musicou o poema *Olhos Furiosos* e, o poeta e músico Ivan Silva, musicou o poema *Pessoas*.

Fabio trabalha há alguns anos como educador social. Começou no Abrigo AR7 – Abrigo residencial n. 7 –, uma casa de Acolhimento em Porto Alegre. Este espaço recebia meninos e meninas em situação de vulnerabilidade social de 0 a 18 anos incompletos. Fabio trabalhou neste local por 3 anos e 3 meses. Também passou um período na R12, abrigo que acolhia meninos de 14 a 18 anos incompletos e destinado a meninos que tinham passado por outras instituições de acolhimento e proteção, mas não tinham se ajustado a elas. Saiu de lá para ser auxiliar de coordenação da Fundação Pão dos Pobres de Santo Antônio¹⁸, também em Porto Alegre, onde atuou pouco mais de ano. Depois, voltou para a R12, como coordenador, e ficou no projeto por mais outro ano e pouco. Segundo Fabio, a R12 é uma casa muito complexa de se trabalhar. Muitos meninos tinham passagem e um histórico social bem difícil.

Hoje, Fabio é educador social no Residencial Inclusivo de Porto Alegre, um projeto que acolhe jovens a partir de 18 anos e adultos com deficiência, que não tenham condições de autossustentabilidade ou retaguarda familiar.

2.4 Márcio Sno

Nascido em São Paulo (SP) no ano de 1975, Márcio Sno é zineiro, jornalista, ilustrador, pesquisador, oficinairo e educador. Sua trajetória no fanzinato se deu início nos anos de 1990 e, desde então, reuniu em seu currículo uma vasta produção cultural.

Sno, a partir de 2005, passou a coordenar diversas oficinas de zines, brinquedos de papel e história em quadrinhos para diversas faixas etárias. Trabalhou como oficinairo em escolas, universidades, bibliotecas, ONGs, centros culturais e unidades do SESC.

18. Fonte: <https://www.paodospobres.org.br/site/>



Figura 8. Márcio Sno. Imagem captura de seu perfil no Instagram (@marciosno), em 12 de fevereiro de 2022

Um dos grandes marcos desse inquietante agitador cultural foram os três capítulos da série de documentários *Fanzineiros do século passado*, que foi exibido no Brasil, além de países como Inglaterra, Turquia, Canadá, Belarus e Argentina. Sobre esse projeto, Sno disse para o blog *Molho Livre*, no dia 28 de novembro de 2011:

A ideia desse doc surgiu em meados de 2010, quando percebi que não havia produções audiovisuais que abordassem exclusivamente o assunto. E a vontade de produzir ganhou mais forças com as conversas que tive com o José “Zinerman” Nogueira, do clássico *Delírio Cotidiano*. Resolvi tomar a iniciativa e fiz um chamado para meus contatos via internet, convidando para fazermos a parada. Sabia que não seria fácil, mesmo porque o pessoal que produzia zines até a década de 1990, hoje tinham outras responsabilidades familiares e profissionais. Lancei o capítulo 1 abordando sobre a produção de antigamente, feita em máquinas de escrever, recortado, colado etc. e tal, e também sobre a rede

social que se constituiu por intermédio do correio. O lançamento foi no 1º Ugra Zine Fest e foi um sucesso total. Distribuí 200 cópias físicas e botei na internet para quem quiser assistir e/ou baixar. Tudo isso sem ter um centavo de retorno. Fiz tudo no velho esquema dos zines: botando a mão na massa, no bolso, aprendi a filmar, editar, fui lá e fiz. Não poderia ter dado certo se fosse de uma outra forma (SNO, 2011).

Em 2015, lançou seu primeiro livro, *O universo paralelo dos zines*, pela editora Timozine. Em 2017, ilustrou o livro *Haicobra* (editora Bambolê), com textos de Fabio Maciel e selecionado no Catálogo FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) - Bolonha 2018. Em 2020, organizou o livro *A primeira vez*, publicado pela Marca da Fantasia, e criou o personagem *Encostinho*, que virou boneco e zine. Para produzir o zine, Márcio Sno reuniu diversos ilustradores para interpretar o diabo em múltiplas formas, zine impresso que levou o título *Encosto*. Eu fui um desses desenhistas que participaram dessa publicação.

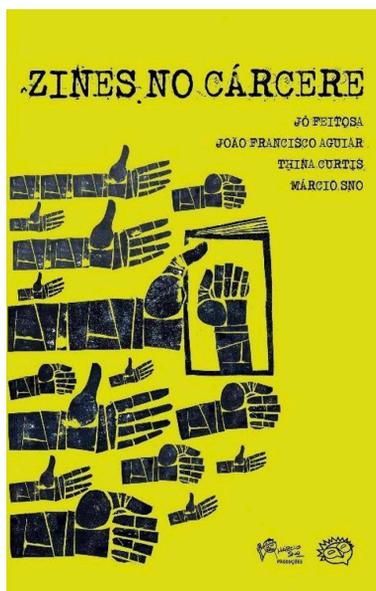


Figura 9. Capa do livro *Zines no cárcere* (2020)

No ano de 2020, produziu o livro *Zines no cárcere*¹⁹, em parceria com Thina Curtis, João Francisco Aguiar e Jô Feitosa, sendo publicado pela editora Marca de Fantasia.

A ideia surgiu no ano de 2019, quando participou da Feira do Livro, no Sesc, em Ribeirão Preto, com oficinas de quadrinhos. Nesse evento, ao conversar com o professor Jofra, Márcio Sno contou sobre o trabalho da Jô Feitosa, que havia conhecido em Fortaleza no ano anterior, dentro de presídios do Ceará. Para surpresa de Sno, Jofra também comentou sua experiência em presídios, desenvolvendo o trabalho com zines, assim como a Jô Feitosa.

Márcio Sno descreve no livro que ele percebeu que trabalhar com a linguagem de zines em espaços presidiários “renderia muitas histórias boas, afinal, é curioso um veículo de comunicação que estimula a liberdade de expressão, sendo produzido por pessoas privadas de liberdade” (SNO; CURTIS; AGUIAR; FEITOSA, 2020, p. 7).

2.5 Jô Feitosa

Formou-se como Assistente social pela Universidade Estadual do Ceará, em 1983, e é pós-graduada em Gestão de Segurança Penitenciária e Psicodrama. Sua história profissional passa muito dentro de presídios e ela relata essa experiência no livro *Zines no cárcere* (2020), com o capítulo “Fanzines intramuros (ou ousar é preciso quando a liberdade é restrita)”.

O seu primeiro contato com o mundo carcerário aconteceu no período em que ela trabalhou no setor de Recursos Humanos de uma Fundação que, dentre outros serviços, oferecia cursos profissionalizantes, destinados aos internos do sistema prisional do Ceará. Em *Zines no cárcere*, Jô relata com detalhes esta experiência:

19. O livro pode ser acessado gratuitamente pelo website da editora, no endereço: <https://marcadefantasia.com/livros/quiosque/zinesnocarcere/zinesnocarcere.pdf>

O meu contato com o mundo carcerário veio dessa época quando fui escalada para palestrar no primeiro dia de aula dos cursos profissionalizantes, destinados aos internos do sistema prisional do Ceará. Eu falava sobre a importância do trabalho para o resgate da cidadania. Quando fui ao presídio feminino, simpatizei e me identifiquei com o trabalho realizado com as mulheres. Com poucas detentas, o local era próximo ao centro da cidade e com uma carga horária reduzida. Foi uma boa oportunidade para que eu pudesse me dedicar mais aos meus filhos de um e dois anos, respectivamente. Assim, sem dar ouvidos às opiniões contrárias da família e amigos, troquei o meu trabalho “com gente do bem”, por um trabalho “com as mulheres do mal” (SNO, Márcio; CURTIS, Thina; AGUIAR, João Francisco; FEITOSA, Jô, 2020, p. 90).



Figura 10. Jô Feitosa, Jô Feitosa, segunda à esquerda. Imagem retirada do livro *Zines no cárcere*, 2020, p. 35

Sua longa atuação em espaços carcerários a fez ficar nacionalmente conhecida e ultrapassou fronteiras, sendo convidada a fazer uma palestra na Universidade de Coimbra, Portugal, onde falou do seu trabalho e exibiu o documentário *Close*²⁰, com direção de Rosane Gurgel, que apresenta histórias de transexuais femininas no sistema prisional cearense. Em terras portuguesas, também participou do Festival Feminista de Porto, em março de 2017.

Hoje, aproveitando de sua aposentadoria, sua meta é conhecer 70 países até completar 70 anos de idade.

2.6 Renato Donisete Pinto

Renato nasceu em 1972 na cidade de São Caetano do Sul, São Paulo. Possui licenciatura plena em Educação Física e Pedagogia, pela Unidade do Grande ABC, UniABC, São Paulo.

É especialista em Educação Física Escolar pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e Educação para a Diversidade e Cidadania, pela Faculdade Campos Físicos. Participou do XX Simpósio Internacional de Ciências do Esporte (CELAFISCS, 1996) e no IV Congresso Internacional UNICASTELO (Universidade Camilo Castelo Branco, 1997), como autor do tema “*A importância da Educação Física para pré-escolares*”.

Buscando unir seu interesse em zines e sua atuação como docente pesquisador, em 2012, Donisete apresentou o relato “Fanzine como recurso pedagógico nas aulas de Educação Física”, no IV Seminário de Metodologia do Ensino da Educação Física, organizado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP.

Ligado intensamente a produção cultural desde os anos de 1990, Donisete foi colunista de música na revista *Metal-Head* e no periódico

20. O curta pode ser visualizado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=NZAzJXGwHo>

ABC Jornal, e se mantém ativo desde essa década, publicando regularmente, há três décadas, o clássico fanzine “Aviso Final”, zine impresso em formato de “livro de bolso”, que traz informações das expressões culturais alternativas.

Em 2013, Renato publicou o livro “Fanzine na Educação - Algumas experiências em sala de aula”, no qual relata vários exemplos sobre o fanzine sendo utilizado como recurso pedagógico em diversas disciplinas.

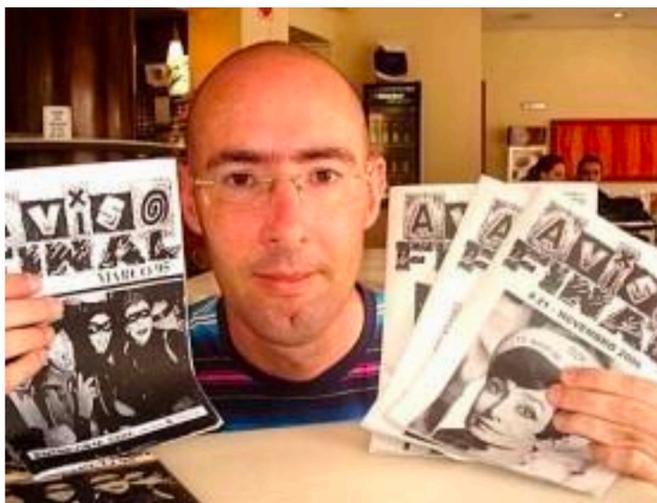


Figura 11. Renato Donisete, imagem capturada do website *Em Diálogo*²¹, em 18 de fevereiro de 2022

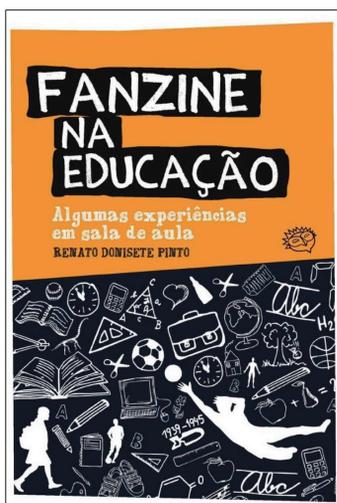


Figura 12. Capa do livro *Fanzine na Educação*, de Renato Donisete Pinto

O fanzine, devido à facilidade de materiais disponíveis e por ter uma essência subversiva, livre e anti careta, tem muitas possibilidades de atingir o interesse de estudantes. No livro *Fanzine na Educação*, o autor cita, por exemplo, o professor de Geografia Fábio Poletto Franco, que utilizou essa linguagem para que seus alunos e alunas reconhecessem o espaço onde vivem e estudam, no caso, a Escola Estadual de Ensino

21. Fonte: <http://www.emdialogo.uff.br/content/fanzine-na-educacao>

Fundamental Walt Disney, situada na cidade de Viamão, município vizinho de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Sobre essa experiência, Renato Donisete Pinto relata:

A opção pelo fanzine se deu já que o autor acredita que o mesmo evoluiu, não servindo apenas ao movimento cultural, mas também como recurso metodológico para professores. Seu trabalho parte do princípio que os educadores precisam conhecer e aprender sobre seus alunos para a relação de ensino-aprendizagem se torne efetiva. Para tanto foi criado um curso no período de manhã. Foram quatro encontros semanais sendo que cada encontro era de duas horas e meia. As aulas foram nos dias 28 de setembro, 5 de outubro, 13 de outubro e finalizou em 19 de outubro de 2008. Este curso teve a intenção de construir subsídios para reconhecimento e analisar a percepção e a representação que os alunos têm do espaço cotidiano, a escola. Sua pesquisa apresentou três principais momentos: 1. Analisar o espaço geográfico escola enquanto lugar do cotidiano; 2. Contextualizar a representação social como atribuição de sentidos aos espaços e; 3. Analisar as representações sociais por meio do fanzine para reconhecermos os lugares dos alunos (PINTO, 2013, p. 20).

A vasta trajetória do editor de um dos zines mais antigos em circulação, o *Aviso Final*, está carregada de aprendizagens e experiências. Suas pesquisas estimulam o(a) docente a trabalhar com um olhar não convencional no exercício da docência, uma profissão que exige estar em convergência com a subjetividade de jovens em formação, algo que muitos profissionais encontram dificuldades para romper com convencionalismos e práticas instauradas.

Segundo sua perspectiva (e vivência), o zine em processos de ensino e aprendizagem, apresenta uma série de benefícios. Segundo ele,

pode-se afirmar que sua produção aumenta a autoestima do aluno. De consumidor ele tornar-se produtor de cultura. Des-

ta forma a leitura, a escrita e principalmente a criatividade são estimuladas durante todo o processo de confecção desta publicação independente. De maneira geral, pode ser trabalhado em diversos níveis de ensino, desde a educação básica até o ensino superior, como também transitar em qualquer componente curricular, inclusive nas aulas de Educação Física. A experiência que tive durante anos mostrou que a confecção de um fanzine é altamente atraente. A manipulação de recortes de revistas e jornais, a utilização da colagem na produção e a criação de um elemento de comunicação de baixo custo favorecem possibilidades ricas no processo de ensino aprendizagem (PINTO, 2013, p. 49).

O zine como produto pedagógico

De que forma o zine pode contribuir no processo educacional? Quais reflexões e ações podem partir dessa mídia? De que forma ela pode potencializar a autonomia criativa em prol da emancipação do indivíduo?

Pensar essas questões me motivou a realizar este Trabalho de Final de Curso, buscando trazer publicações, entrevistas, autores e autoras relevantes deste universo para, a partir deste estudo, refletir as potencialidades dessa linguagem em processos de ensino e aprendizagem, com ênfase aos ambientes educacionais não-formais.

A partir deste mergulho e das reflexões que surgiram nos processos da pesquisa, neste capítulo proponho uma atividade pedagógica que aproxime o(a) estudante da autonomia da criação livre, através da produção de um zine. É uma atividade possível de ser desenvolvida em qualquer local devido a acessibilidade dos materiais, porém, tenho expectativas de que esta atividade possa, algum dia, ser desenvolvida em algum espaço de ensino não-formal, preferencialmente, em ambientes carcerários.

3.1 Experiências com os zines em espaços educacionais

O olhar sensível e a escuta atenta do docente para com o(a) estudante/indivíduo é fundamental. Observar as sutilezas requer atenção e, nesse processo, não criar bloqueios geracionais é um bom começo.

Nos capítulos deste TCC trouxe zineiros que têm experiências na docência e em ações educativas utilizando a linguagem dos zines como instrumento mediador para a construção de conhecimento, o exercício da criatividade e da imaginação.

A ideia, desde o início, foi apontar o zine como um produto que pode impactar a realidade das pessoas, ser um instrumento de denúncia e,

também, de liberdade criativa. O zine, como instrumento pedagógico, abre oportunidades para que as pessoas que participam das atividades com esse viés possam sentir-se autores e autoras de suas próprias histórias, buscando novas formas de expressão e autonomia, pois

Esse ato de introduzir os fanzines na educação formal enquanto um possível instrumento inovador, não é apenas uma opção, é antes de tudo uma oportunidade. Para isso ocorrer não seria necessário apenas acreditar nessa proposta, mas sim buscar efetivá-la para a verificação de sua eficiência e eficácia (LACERDA, 2021, p. 217).

Muito em breve serei professor licenciado em Artes Visuais e, a ideia de trabalhar com ações educativas em espaços não legitimados pelo sistema educacional formal, se apresenta, simultaneamente, como um desafio e um atrativo. Assim, aprofundar em experiências de outras pessoas que já percorreram esses caminhos foi algo importante para a elaboração deste TCC e, para meu próprio crescimento pessoal.

Aprendi que observar as peculiaridades dos(as) estudantes, estar presente e aberto ao diálogo, são características fundamentais para o exercício da docência ou em projetos de mediação cultural/artísticos. Para mim, não há como criar elementos criativos e inteligentes sem a comunicabilidade da concretude da realidade humana. O importante nesse caso não é a técnica. O zine é mais que um potente elemento pedagógico, pois, o que realmente é relevante é o processo, muito mais que o produto final. Paulo Freire, grande mestre da educação, tem muito a nos ensinar sobre essa questão.

Minha preocupação nunca foi trabalhar apenas nas técnicas que estivessem necessariamente implicadas em tornar possível escrever e ler. Minha preocupação não era necessariamente com as técnicas específicas que são necessárias à leitura, mas com a substantividade do processo que requer técnicas. É neste ponto

que muita gente nos Estados Unidos e em outros lugares compreende mal minha obra. A técnica é sempre secundária e só é importante quando a serviço de algo mais amplo. Considerar a técnica primordial é perder o objetivo da educação. A questão não são as técnicas em si mesmas – não que não sejam importantes - mas a verdadeira questão é a compreensão da substantividade do processo que, por sua vez, requer múltiplas técnicas para atingir um objetivo particular. É o processo que leva à necessidade das técnicas que precisa ser entendido (FREIRE, 2001, p. 57).

Como disse na introdução, a fascinação pelos zines me acompanha há muito tempo. Atuar em espaços carcerários me atrai porque acabam sendo lugares de invisibilidade e, o zine, pode ser um agente libertador quando há, pragmaticamente, restrição à liberdade.

O professor João Francisco Aguiar começou a estagiar no sistema prisional no ano de 2002, na FUNAP (Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel”, vinculada à Secretaria de Administração Penitenciária (SAP). Já nas primeiras semanas vivenciou experiências inusitadas e impactantes como, por exemplo, perceber nas folhas vários desenhos e letras de rap. Quando um estudante se levantou e pegou um zine para ler, ele descobriu uma maneira de quebrar o gelo. “Desencaretar” uma aula que não seja repressiva, mas que se transforme em ponte entre professor e estudante (e vice e versa). Ele também conta que foi chamado à sala do diretor da instituição, que o questionou porque não seguiu o planejamento. Entusiasmado conta a experiência que teve aquela manhã e a resposta que obteve foi que se quisesse desenvolver aqueles tipos de atividade tinha que escrever um projeto justificando os fanzines em sala de aula.

A educação libertadora é um desafio para qualquer espaço, mas, esse desafio é intensificado onde a liberdade é cerceada, inclusive a de expressão. Nesse sentido, estou ciente das dificuldades de atuar nesses espaços. Thina Curtis, citada neste TCC, mencionou que adentrar os presídios com oficina de zines, não foi nada fácil. A instituição ten-

tou censurar e moldar o projeto; os funcionários tentaram boicotá-lo, mesmo quando autorizada a oficina pelas instâncias superiores; a convivência com a violência expressa em cada centímetro daquele local amedrontador e, obviamente, a tensão de estar em um espaço de muita repressão e vigilância.

Paciência e estratégia são elementos mencionados por Thina para superar o desafio. Ela comenta que demorou três meses para que entendesse que lá era outra coisa, outra realidade. Burlar de forma inteligente, persuasiva e estratégica são ferramentas que são inevitavelmente exercitadas a todo momento em projetos, oficinas ou ações que utilizam a linguagem do zine. Os obstáculos não são apenas as leis e normativas das instituições. Thina Curtis menciona que a primeira lição que ela teve ministrando aulas no cárcere foi que

você tem que improvisar e dominar muito bem o que você faz, porque se não conseguir, não vai dar aula e a segunda lição é que você pode ser a pessoa mais estudada, inteligente, mestre no que faz, mas se não tiver empatia, você não vai conseguir desenvolver sua atividade (SNO; CURTIS; AGUIAR; FEITOSA, 2020. p. 13).

Thina diz que aprendeu mais do que ensinou e que “às vezes só precisamos de um lápis e papel para dar início à vida e aos sonhos” (Ibid., 2020).

3.2 Pequeno guia para uma ação pedagógica em espaço não-formal

Para encerrar este trabalho, apresento um roteiro básico para desenvolver uma ação com zines. Serve, sobretudo, para facilitar o acompanhamento do planejamento pedagógico. A ideia é oferecer um plano de ação, um guia, que deve priorizar os contextos sociais e estar aberto a mudanças, a depender das particularidades do espaço e do público assistente.

Como dito anteriormente, tenho expectativas de desenvolvê-lo em ambientes de carceragem, ou instituições de acolhimento de jovens infratores. E, como passos iniciais, sugiro os seguintes pontos:

2.6.1 Definição do ambiente (entender o espaço, as questões geográficas, gestão, estrutura, entre outros elementos que julgar importantes);

2.6.2 Formação dos grupos;

2. Esboço do plano de ensino a partir do “estímulo gerador” do zine, como ferramenta motriz;

3. Analisar e traçar as possíveis contribuições que o zine pode proporcionar ao local e sua dificuldade de execução, considerando as dificuldades e experiências de outros educadores sociais nesses locais.

A estrutura do plano da ação pedagógica deve ser definida com antecedência, ser maleável e aberta às surpresas e, além disso, sensível às problemáticas e desafios encontrados no espaço. Dessa forma, as perguntas abaixo podem servir de bússola para pensar a elaboração de um projeto:

- Por onde começar? –
- Quais abordagens utilizar, incluir ou excluir?
- Para quem?
- Por quê?
- Para quê?
- O que problematizar? – (Conteúdo)
- Como? – (Dinâmicas, meios, metodologias)
- Quais as necessidades?
- O que resultou?

A seguir, alguns tópicos para pensar a estrutura dos encontros da oficina proposta, ressaltando que a proposta deve privilegiar o diálogo durante todo o processo:

- Apresentar o contexto histórico (o que é fanzine e sua história ao longo do tempo);
- Priorizar um momento para a visualização e troca de ideias, tendo vários zines como fonte de inspiração;
- Prever os materiais que serão utilizados na execução do trabalho;
- Incentivar a criatividade, a autonomia e a reflexão;
- Compartilhar no grupo os zines que surgiram no processo;
- Estimular a troca de zines entre os(as) estudantes — lembrando que essa troca afetiva é uma das essências dessa linguagem.

Por último, é importante considerar a bibliografia e referenciais de pesquisadores(as), artistas, agentes culturais, assistentes sociais e outras pessoas que já desenvolveram ações utilizando o zine como instrumento principal. A experiência acumulada de quem já trilhou por esses caminhos ajuda a elaborar o projeto, pensar as ações e justificar o plano. Para concluir, é importante dizer que é fundamental analisar o resultado do projeto, buscando identificar pontos fortes e o que pode ser melhorado em projetos futuros. Afinal, a autoavaliação das práticas também é uma ferramenta importante no exercício da docência.

Considerações finais

O zine, por si só, é uma mídia marginal e, de forma sensível e livre, utiliza da linguagem informal do povo para conectar a vida à vivência artística-sensorial. É uma ferramenta potente para o(a) professor(a) e cabe a ele(a) estimular a disposição do(a) estudante em se embrenhar nesse caminho, que pode ser prazeroso para a descoberta da autonomia intelectual, mesmo diante de entraves sociais, que muitas vezes impedem o desenvolvimento de projetos pedagógicos e ações educativas que envolvem a experiência artística.

Neste TCC, comentei que quanto mais repressivo o espaço, mais complicadas são as ações pedagógicas de serem executadas. A oficina que pretendo elaborar com mais detalhes no futuro, para ser desenvolvida em espaços de carceragem ou instituições de acolhimento de jovens infratores, certamente, estarão engendradas com as seguintes perguntas: De que forma impactar a realidade dos estudantes sem ser censurado ou cerceado nesses espaços? Como contribuir para um diálogo que transforme e modifique a rotina de pessoas em estado de liberdade cerceada? Como inflar na mente uma necessidade de mudança interna e, ao mesmo tempo, construir zines que possam servir de ponte para que a voz desse público-alvo possa ser ouvida de forma ampliada?

A ideia é, como afirma Renato Donisete, que o zine crie um vínculo maior entre o sujeito e o mundo, sem cair em práticas autoritárias ou domesticadoras. Finalizo este trabalho referenciando Edgar Morin, cujo pensamento encontro total identificação:

O “ensino”, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo. A bem dizer, a palavra “ensino” não me basta, mas a palavra “educação” comporta um

excesso e uma carência. Neste livro, vou deslizar entre os dois termos, tendo em mente um ensino educativo. A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2003, p. 10).

Referências

BARBOSA, Fabio da Silva. Mais uma troca de ideias com Fabio da Silva Barbosa. [entrevista concedida a Diego El Khouri] *Molho Livre*, 19 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://molholivre.blogspot.com/2016/08/mais-uma-troca-de-ideias-com-fabio-da.html>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

BARBOSA, Fabio da Silva. *Reboco Caído*. Publicação Independente. N.1, 2010.

CURTIS, Thina. *Café Ilustrado*, 2016.

CURTIS, Thina. *Spell Work*. Publicação Independente, 2013.

CURTIS, Thina. Thina Curtis e sua arte. [entrevista concedida a Diego El Khouri]. *Molho Livre*, 21 de junho de 2011. Disponível em: <<https://molholivre.blogspot.com/2011/06/thina-curtis-e-sua-arte.html>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

CURTIS, Thina. Thina Curtis, a senhorita zine. [entrevista concedida a Diego El Khouri]. *Molho Livre*, 20 de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://molholivre.blogspot.com/2017/12/thina-curtis-senhorita-zine.html>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

DONISETE, Renato. *Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LACERDA, Carlos de Brito. Fanzines educacionais: uma possibilidade concreta na educação ou uma blasfêmia no meio fanzineiro? In ADRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). Coleção Desenredos, v. 14, Dossiê *Fanzines, artezines e biografzines: publicações mutantes*. Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma. Reformar o pensamento*. 8ed. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PINTO, Renato Donisete. *O fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

SNO, Márcio. Entrevistando Márcio Sno. [entrevista concedida a Diego El Khouri] *Molho Livre*, 28 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://molholivre.blogspot.com/2011/02/entrevistando-marcio-sno.html>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2022.

SNO, Márcio. *Trilogia: Fanzineiros do século passado*. Documentário. São Paulo (SP), parte 1: 2011; parte 2: 2012; parte 3: 2013; disponível em: <<http://www.vimeo.com/marciosno>>.

SNO, Márcio; CURTIS, Thina; AGUIAR, João Francisco; FEITOSA, Jô. *Zines no cárcere*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020. 86p. Série Quiosque, 61.

TISSOT, Law. Entrevista de Law Tissot com Fabio da Silva Barbosa. *Expressão Liberta*, 23 de abril de 2011. Disponível em: <<http://expressaoliberta.blogspot.com/2011/04/entrevista-de-law-tissot-com-fabio-da.html?q=Law+Tissot>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

WERTHAM, Fredic. *The world of fanzines: a special form of communication*. Illinois, USA: Southern Illinois University Press, 1973.



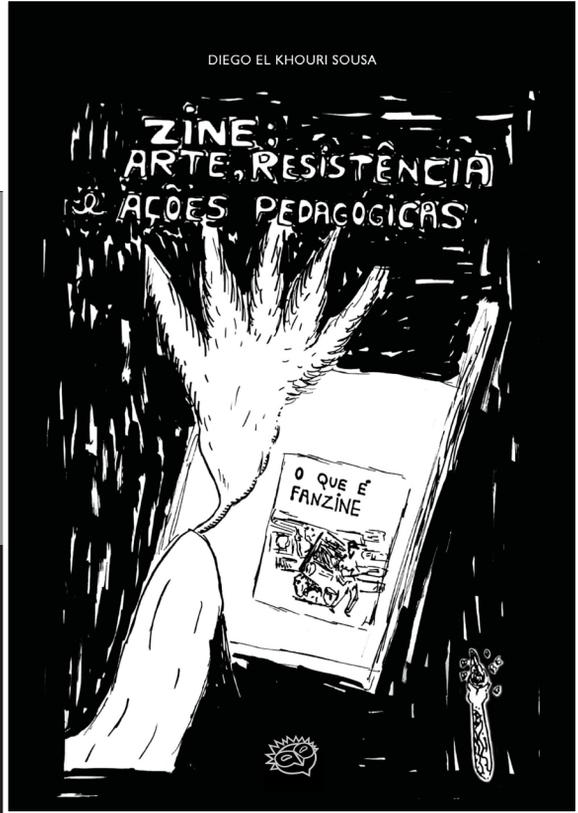
Diego El Khouri

O outsider da galáxia de parnaso: artista visual, escritor, zineiro, quadrinista... Ao lado do escritor Fabio da Silva Barbosa é um dos idealizadores da Editora Merda na Mão, espaço que tem a proposta de publicar os impublicáveis.

Leia mais sobre fanzine em
www.marcadefantasia.com

DIEGO EL KHOURI SOUSA

ZINE:
ARTE, RESISTÊNCIA
E AÇÕES PEDAGÓGICAS



www.marcadefantasia.com